



A comercialização da produção agroecológica: os produtos beneficiados nas feiras agroecológicas de Rio Formoso, Sirinhaém e Tamandaré – Pernambuco

Nilson Ribeiro Soares Júnior; Graduando em Tecnólogo em Agroecologia pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), email: niriso@hotmail.com

Liliam Maria Henrique da Silva; Tecnóloga em Agroecologia pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), email: lmhs@discente.ifpe.edu.br, Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5630091414294109>

Marcos Antônio Machado Mesquita; Doutor em Solo e Água pela Universidade Federal de Goiás (UFG), professor do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), email: marcus_a_mesquita@yahoo.com.br, lattes: <http://lattes.cnpq.br/3876963199734780>.

Linha de Pesquisa: Sociedade, Economia e Construção do Conhecimento.

1 Introdução

A comercialização da produção agroecológica é um tema que tem tido cada vez mais relevância, sendo um dos grandes desafios enfrentados pelos agricultores/as familiares. Segundo Darolt e Rover (2021), o processo de industrialização da produção de alimento, que se beneficiou dos avanços tecnológicos dos transportes, impactando na distribuição em escala global da produção, não ocorreu sem prejuízos, visto que:

O avanço dos mercados globalizados fragilizou inúmeras produções alimentares locais distanciando produtores de consumidores, ampliando as cadeias de distribuição; gerou inseguranças alimentares; desvalorizou toda uma diversidade de alimentos presente em dietas de culturas milenares, devido à dificuldade de produção e distribuição especializada e em larga escala destes alimentos (Darolt; Rover, 2021, p.19-20).

Os mesmos autores buscam compreender as dinâmicas da crise desse processo, o que culminou numa crise nos consumidores, ao passo que estes se conscientizam cada vez mais dos

perigos advindos dos ultraprocessados, dos agrotóxicos e demais aditivos e conservantes (Darolt; Rover, 2021). Como resposta a este cenário, (Schneider, 2021 *apud* Darolt; Rover, 2021, p.91) ao prefaciar o livro Circuitos Curtos de Comercialização, Agroecologia e Inovação Social destaca que os circuitos curtos de comercialização alteram a dinâmica da relação entre quem produz e quem consome esse alimento.

Destacando 3 questões, a mudança em saber quem, como e onde se produz o alimento, segundo ponto é que os CCCs geram confiança e reconhecimento entre quem produz e comercializa com quem consome esses bens e produtos, surgindo até amizades e relações mais profundas. E por último ele ressalta o resgate da dimensão ética e moral entre os participantes dessas relações de trocas, ao passo que além da venda de um produto essas transações se baseiam em valores humanos, ambientais, justos e sustentáveis.

“Quando um consumidor compra algo de um produtor agroecológico, ele sabe que nesta transação não se troca apenas o dinheiro por um produto qualquer. Trata-se, acima de tudo, de uma troca que se baseia em valores humanos, em coisas que têm uma origem, têm um nome, uma biografia alimentar”. (Schneider *apud* Darolt; Rover, 2021, p.91).

Neste contexto, as feiras agroecológicas se apresentam como espaços privilegiados para a implementação de circuitos curtos de comercialização, fortalecendo a relação entre produtores e consumidores.

A presente pesquisa foi realizada no âmbito do "Projeto: Frutos da Mata – consolidação e construção social de mercados solidários para a Agricultura Familiar", desenvolvido pelo Centro Sabiá com apoio da Fundação Interamericana (IAF). Um dos objetivos específicos do projeto foi diagnosticar as feiras agroecológicas dos municípios de Catende, Ribeirão, Rio Formoso, Sirinhaém e Tamandaré, assessoradas pelo Centro Sabiá. O diagnóstico foi realizado por meio de entrevistas com 42 produtores participantes das feiras.

Este trabalho apresenta um recorte do diagnóstico, com foco na diversidade da produção de produtos beneficiados nas feiras de Rio Formoso, Sirinhaém e Tamandaré. Busca-se compreender como a agricultura familiar agroecológica tem utilizado os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC) para comercializar sua produção e como tem empregado o beneficiamento para diversificar, reduzir perdas e agregar valor à produção. Compreendemos aqui que:

Beneficiamento: conjunto de procedimentos realizados em produtos oriundos de SAFAs para o tratamento, modificação ou aperfeiçoamento destes, como a seleção/classificação de produtos, lavagem, despulpamento, descasque, etc. O termo beneficiamento compreende aqui qualquer procedimento que envolva processamento de produtos, que compreende a transformação do estado original do produto, assim como a modificação ou utilização dos produtos para outros fins, como construção e combustível. (Leon, 2018, p. 108).

A autora Silva (2016) identifica a correlação entre desenvolvimento local e essa diversificação, compreendendo a garantia da segurança alimentar e o impulsionamento da autonomia do/a agricultor/a familiar como atrelados a esse desenvolvimento local.

2 Referencial Teórico

Darolt e Rover (2021) destacam que os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC) tem como característica a venda direta ou com apenas um intermediário (sendo esse qualificado como estando dentro do processo, exemplo lojas especializadas, cooperativas), aumentando o fornecimento de informações aos consumidores sobre o produto – (i) onde foi produzido, (ii) por quem e (iii) como. Assim eles destacam dois tipos de circuitos curtos – os com venda direta e com venda indireta, os quais possuem um intermediário.

As feiras agroecológicas são exemplos de CCC de venda direta, na qual os produtores estão vendendo diretamente ao consumidor o que produziram, criando assim uma relação de proximidade e fornecendo as informações sobre o modo de produção e garantindo a qualidade dos produtos. Atualmente os alimentos agroecológicos e orgânicos estão tendo um crescimento exponencial, tendo crescido em 200% o número de produtores orgânicos entre 2010 - 2019 (MAPA, 2019). Como afirmam:

As feiras orgânicas e agroecológicas multiplicam-se pelo Brasil, tendo em vista a busca por alimentos saudáveis livres de agrotóxicos [...]. Cada feira agroecológica e orgânica que se efetiva é reflexo do progresso das agriculturas ecológicas, cada vez mais fundamentais para a saúde do planeta e dos seres humanos” (Araújo; Amorim; Santos, 2021, p. 19).

Assim, é uma produção de alimentos “que a partir do momento que são considerados seguros e nutritivos, produzidos em sistemas e práticas interligados aos saberes tradicionais, além de oportunizar a agregação de valor e proporcionar o consumo sustentável” (Mélo *et al*, 2022, p. 494). Duas variáveis também importantes para a comercialização, como ressaltam Piccoloto; Diesel (2004) *apud* Lima; Chargas, (2015) é (i) a diversificação que está diretamente

ligada a autonomia e segurança alimentar que contribui para que os/as agricultores/as não fiquem reféns dos preços de mercado e nem dependentes de um único produto, produzindo alimentos que garantam a saúde nutricional e a venda do excedente.

A outra questão é o (ii) beneficiamento da produção, que tem sido bem sucedido na valorização e diminuição de perdas da produção, que ocorrem desde a pós colheita, armazenagem, transporte e comercialização, tendo ainda por vezes as sobras das feiras para retornar para casa. Os mesmos autores citam o associativismo e a formação de cooperativas como respostas coletivas para construir essa diversificação e beneficiamento. Corroborando com (Oliveira *et al*, 1999 *apud* Paiva 2016) ao defender que:

a agregação de valor gerada pelo beneficiamento ou a transformação dos produtos agrícolas ganha importância, determinando a própria viabilização de inúmeras propriedades rurais. Além de ser uma alternativa econômica para o aumento de renda dos agricultores, através da agregação de valor ao produto, a viabilização das agroindústrias familiares tem sua importância sócio-cultural, que possibilita o resgate, pelos agricultores, desta atividade que no decorrer dos tempos desempenhou e, gradativamente, foi expropriada pelas grandes agroindústrias (Oliveira *et al.*, 1999, p. 08).

Os CCC, ao possibilitarem uma relação direta e/ou com quase nenhum intermediário, permite o fortalecimento da agricultura familiar, aumentando sua renda, promovendo a inclusão social e o fortalecimento da economia local, mas mais que isso segundo SILVA (2016) o desenvolvimento local está diretamente relacionado com as feiras agroecológicas ao garantir a segurança alimentar dos produtores que acessam alimentos mais nutritivos e com uma dieta mais variada, mas também o fazem com os consumidores que comprem o excedente dessa produção.

3 Metodologia

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de setembro e outubro do presente ano, contando com duas visitas às feiras de Rio Formoso, Sirinhaém e Tamandaré para realizar as entrevistas semiestruturadas e a observação direta, estas realizadas durante o período de funcionamento das feiras, Rio Formoso às quartas entre 06:00 às 14:00; Sirinhaém sexta de 06:00 às 12:00 e sábados de 05:30 às 12:00, e Tamandaré nas sextas de 06:30 às 12:00. Todos os municípios ficam localizados na Zona da Mata Sul de Pernambuco.

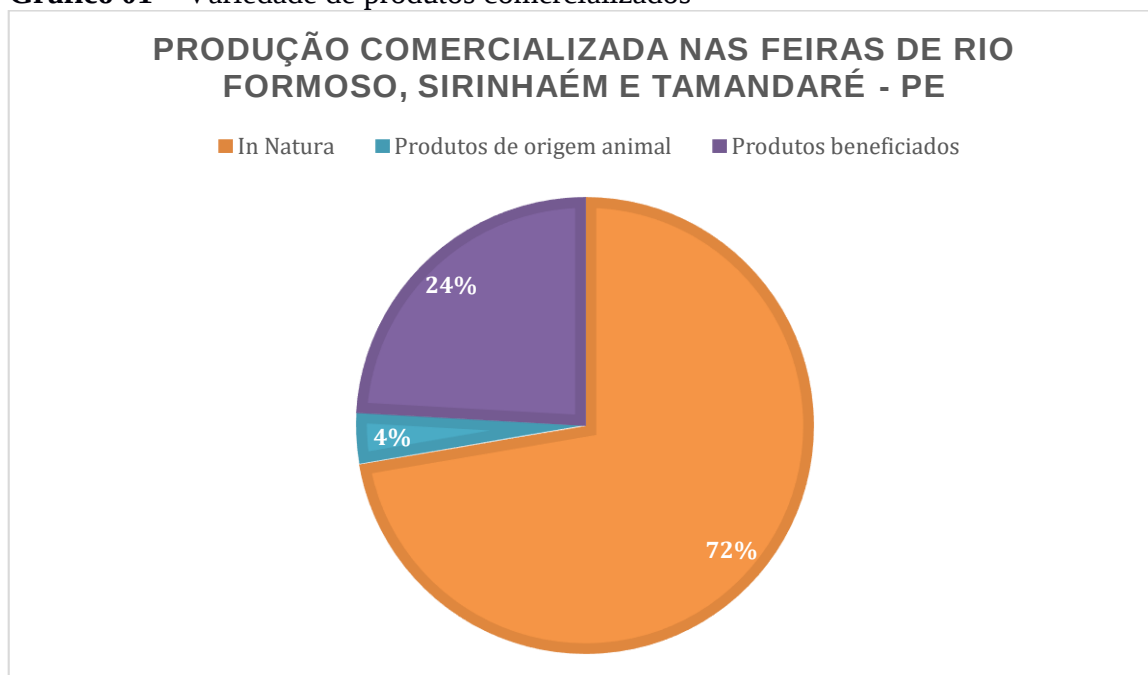
Como instrumento de coleta de dados, foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas compreendendo que, como afirma Szimanski *apud* Silva (2016), “a entrevista face a face é

fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado” como afirma (Idem, 2016, p.21). Corroboramos com Silva (2016) na compreensão de que essa entrevistas promovidas pelo pesquisador/a produzem os discursos dos indivíduos envolvidos na pesquisa. A observação direta foi utilizada no momento da visita às feiras, a qual permite verificar “comportamentos ou condições ambientais relevantes” compreendendo que os fenômenos estudados não são “puramente históricos” (Yin, 2005 *apud* Silva, 2016, p.22).

A partir desse entendimento da pesquisa quali-quantitativa, o trabalho buscou analisar a importância da diversificação da produção para a comercialização nas feiras agroecológicas, a partir da diversidade dos produtos beneficiados comercializados nas feiras de Rio Formoso, Sirinhaém e Tamandaré, observando ainda como esses espaços promovem a segurança alimentar e o desenvolvimento local.

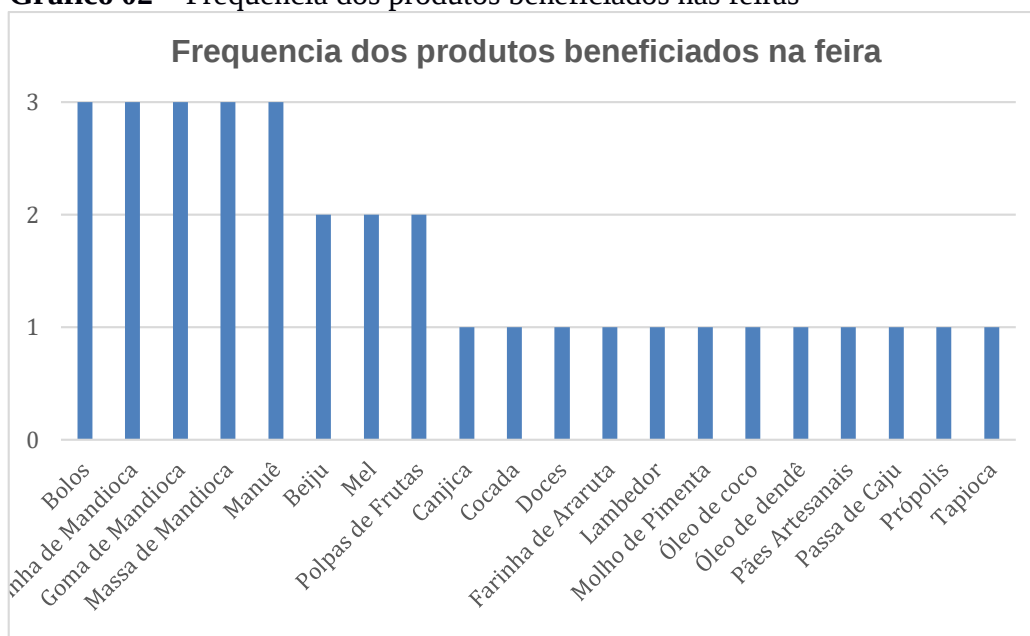
4 Resultados e discussões

Foram encontradas 83 variedades de produtos nas 3 feiras pesquisadas, classificadas em 3 categorias, quais sejam: alimentos *in natura* de origem vegetal, de origem animal e beneficiados. Dessa produção, 20 das variedades sendo comercializadas nas feiras em questão são de produtos beneficiados. Ocupando, assim, 24,1% da porcentagem de produtos das feiras. É possível perceber que apresentam uma representação significativa, ficando atrás dos produtos *in natura* com 72,3%. Ganham maior relevância corroborando com Zanberlan (2008) e Paiva (2016) ao afirmar que os produtos agroindustrializados de médio e pequeno porte e de forma artesanal geralmente tem uma receita final superior e que esse beneficiamento deixa os/as agricultores/as familiares menos vulneráveis à sazonalidade havendo ainda um aumento de tempo na prateleira em relação aos produtos frescos, assim contribuindo para o desenvolvimento local ao diminuir essa vulnerabilidade e aumentando a renda dos agricultores familiares que ainda diminuem suas perdas, como representado no Gráfico 01.

Gráfico 01 – Variedade de produtos comercializados

Fonte: do autor, 2024.

No segundo gráfico apresentamos as 20 variedades encontradas e a frequência destas em cada feira. Destaque para os bolos, farinha de mandioca, goma de mandioca, massa de mandioca e manuê (figura 1) que são os produtos que estão em todas as feiras. O beijú, mel e as polpas de frutas (figura 2) aparecem em duas das três feiras. O restante estando presente em uma das feiras.

Gráfico 02 – Frequência dos produtos beneficiados nas feiras

Fonte: do autor, 2024.

Figura 01 - Bolos, cocadas, doces, massa de mandioca, manuê, mel e passa de caju comercializados na feira de Rio Formoso.



Fonte: do autor, 2024.

Figuras 02 - Bolos, Beiju, Massa de Mandioca, Óleo de coco, Café, Mel e Polpas de Frutas comercializados na feira de Rio Formoso.



Fonte: do autor, 2024.

As feiras agroecológicas como CCC's promovem os valores da agroecologia quando atuam na mudança na relação entre produtor – consumidor, como abordam Darolt e Rover (2021) que afirmam deixar de ser a relação simples com a mercadoria passando a ser uma relação amistosa, afetiva, ética entre esses sujeitos criada através das trocas que acontecem nesse espaço. A possibilidade de os consumidores tomarem café da manhã e interagir nos espaços da feira que é oportunizada na comercialização dos produtos beneficiados como o manuê, o café, tapioca, beiju entre outros, reforça o vínculo entre produtor x consumidor gerando maior confiança.

Corroborando com esse raciocínio um exemplo observado na feira de Sirinhaém no qual o processo de beneficiamento estava ocorrendo durante o período da feira, onde uma agricultora

estava peneirando a massa e embalando (figura 03). Algo que vem de encontro com essa mudança entre consumidor – produtor, que reforça o caráter artesanal da produção, mostrando a prática, quando inclui o consumidor nessa relação de coprodução e mostrando na prática a afirmativa dos autores sobre como os CCCs aumentam as informações para os clientes. (Darolt e Rover (2021)

Figura 03 – Peneirando Massa



Fonte: do autor, 2024.

5 Conclusão

As feiras agroecológicas se destacam como espaços essenciais para estabelecer uma relação direta entre produtores e consumidores, transformando a dinâmica tradicional de comercialização em uma interação ética e humanizada. Essa conexão direta, aliada à diversificação de produtos e à oferta de alimentos mais limpos e nutritivos, fortalece a economia local, proporciona maior autonomia aos agricultores familiares e contribui significativamente para a segurança alimentar e o desenvolvimento local.

Partindo da importância dos produtos beneficiados encontrados nas três feiras agroecológicas, os principais ganhos que estes trazem para os produtores/comerciantes que ocupam esses espaços, se apresentam através da diminuição de perdas, agregação de valor e qualificação do espaço de convívio da feira, reforçando os laços entre produtores e consumidores.

6 Referências

ENSSLIN, L.; VIANNA, W. B. O design na pesquisa quali-quantitativa em engenharia de produção: questões epistemológicas. **Revista Produção Online**, Florianópolis, v. 8, n. 1, mar. 2008. Disponível em: <https://www.producaoonline.org.br/rpo/article/view/28/25>. Acesso em: 23 out. 2024.

ARAÚJO, D. M.; AMORIM, W. V.; SANTOS, C. D. dos. **A territorialização das feiras agroecológicas e orgânicas em Fortaleza – Ceará**. Revista GeoSertões, Cajazeiras, v. 6, n. 11, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/1625/pdf>. Acesso em: 10 out 2024

BATISTA, Carine; et al. Feira da agricultura familiar de Itaqui: mudanças ocorridas. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 10, n. 3, 2018.

BRITO, Débora. Em 7 anos, triplica o número de produtores orgânicos cadastrados no ministério. **Ministério da Agricultura e Pecuária**. Brasília, 01 abr. 2019 Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/em-sete-anos-triplica-o-numero-de-produtores-organicos-cadastrados-no-mapa>. Acesso em: 25 out. 2024.

DAROLT, M. R. Conexão ecológica :novas relações entre agricultores e consumidores. Londrina: IAPAR, 2012.

LÉON, Vicente Javier Parra, REDE DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS AGROECOLÓGICOS DO SUL DO BRASIL -REDE SAFAS: FATORES QUE AFETAM O DESENVOLVIMENTO AGROFLORESTAL. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://leap.ufsc.br/files/2017/03/Parra18RedeSAFAS_DissPGA.pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

LIMA, F. A. X.; VARGAS³, L. P. Alternativas socioeconômicas para os agricultores familiares: o papel de uma associação agroecológica. **Revista Ceres**, v. 62, n. 2, p. 159–166, abr. 2015.

MÉLO, A. B. *et al.* Produtos consumidos na feira agroecológica de serra talhada. In: Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial / Seminário de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial. 1/7., 2022. Recife, **Anais [...]**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, 2022. Trabalho 10.29327/1173700.7-7. Disponível em: https://ppgadt.ufrpe.br/sites/default/files/noticias/documentos/1o_CIADT_7o_SEADET_Anais_0.pdf. Acesso em: 25 out. 2024.

OLIVEIRA, J. A. V. de et al. **Avaliação do potencial da indústria rural de pequeno porte (IRPP) em Santa Catarina**. Florianópolis: CEPAGRO, 1999.

PAIVA, A.; ALEGRE. P. Motivações e Restrições de naturezas tecnológicas e organizacional para desenvolvimento de agroindústrias de alimentos orgânicos no RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios – CEPAN. **Programa de Pós-Graduação em Agronegócios**. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/156622/001014083.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 out. 2024.

ROVER, O. J.; DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica. In: Darolt, M. R.; Rover, O. J. (Orgs.) **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021. p. 19-43. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229738>. Acesso em: out. 2024.

SANTOS, A. R. .L.; NÁPOLES, F. A. M.; SANTOS, A. F. L. FEIRA AGROECOLÓGICA DE LAGOA SECA (PB): : desafios e possibilidades para o desenvolvimento sustentável. **Brazilian Geographical Journal**, Ituiutaba, v. 14, n. 1, p. 24–47, 2023. DOI: 10.14393/BGJ-v14n1-a2023-64047. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/64047>. Acesso em: 25 out. 2024.

ZAMBERLAN, L., SPAREMBERGER, A., BÜTTENBENDER, P.L., WAGNER, A. DAHMER, I.T. O Marketing de Produtos Orgânicos: Um Estudo Exploratório a Partir da Opinião do Consumidor. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. **A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável**, 28, 2008, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. 14p.